EXISTINDO SEM CONSENTIMENTO; A REPRESENTAÇÃO INDÍGENA EM MERIDIANO DE SANGUE

Mateus Campos Fantin de Oliveira (PIC/UEM), Alba Krishna Topan Feldman (Orientadora). E-mail: ra134079@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Linguística, Letras e Artes /Letras

Palavras-chave: Teoria pós-colonial; Literatura estadunidense; Resistência indígena

RESUMO

Este Projeto de Iniciação Científica almeja investigar como o autor estadunidense Cormac McCarthy representou a figura do nativo-americano em seu romance escrito em 1985 intitulado Meridiano de Sangue. Este recorte terá como principal material de análise o encontro da gangue de caçadores de escalpos indígenas, liderada por John Joel Glanton, e a pacífica tribo Tigua. Analisaremos as descrições do narrador e as interações entre personagens brancos e nativos através da teoria pós-colonial presente em Bonnici (2009), perpassando também acontecimentos históricos presentes em Brown (2025), e a fim de entender a perspectiva nativo-americana do processo de criação e expansão territorial estadunidense utilizamos o trabalho do ativista indígena Deloria Jr (2017). Procuramos então, entender e refletir sobre como as relações entre os escalpeladores e os nativos se desenvolvem, como elas se comparam com a historiografia e analisar as descrições que o foco narrativo do protagonista kid realiza sobre os indígenas.

INTRODUÇÃO

A produção artística estadunidense é marcada por grandes obras que exploram o Velho Oeste e seus personagens clássicos, tanto fictícios quanto históricos, de famosos fora-da-lei a exploradores e colonos, o Oeste americano é presença constante no imaginário popular. Entre as obras que apresentam a expansão estadunidense existe *Meridiano de Sangue ou O Rubor Crepuscular no Oeste*, doravante *Meridiano de Sangue*, um romance escrito pelo autor estadunidense Cormac McCarthy.

A obra é protagonizada por um jovem garoto estadunidense branco conhecido apenas pela alcunha “kid” que se une a uma gangue de caçadores de escalpos indígenas contratada pelo governo do México para caçar povos originários no estado de Senora.

Para os fins desta pesquisa de cunho qualitativo e interpretativo, utilizamos a edição de Meridiano de Sangue publicada pela Editora Alfaguara em 2020 e traduzida para o português por Cássio de Arantes Leite. E considerando o recorte

deste resumo, analisamos em específico o massacre da tribo Tigua pelos homens da gangue de John Joel Glanton, e também as consequências deste evento.

REVISÃO DE LITERATURA

Procuramos então analisar como o autor retrata especificamente a figura do indígena em suas interações com o homem branco, sejam elas de submissão, ou de resistência, conforme a teoria pós-colonial presente em Bonnici (2009) “Se frequentemente o colonizado aceitava a ideologia e os valores do colonizador e transformava-se em fantoche [...] em outras ocasiões mostrava sua resistência e subversão através da mímica e da paródia.”

Considerando o período histórico que o romance abrange, a análise requer uma base historiográfica a fim de contrastar e comparar a realidade com a ficção. Para tal utilizamos a obra *Enterrem meu coração na curva do rio*, escrita pelo historiador estadunidense Dee Brown em 1970, que discute a situação de diversas tribos durante o século XIX, o mesmo que *Meridiano de Sangue*.

De modo a considerar o ponto de vista sócio-cultural e histórico dos diversos povos indígenas norte-americanos, o livro *Custer Died for Your Sins*, do ativista Vine Deloria Jr, aborda a perspectiva nativo-americana do que fora a expansão territorial dos Estados Unidos, suas repercussões e as diferenças culturais entre estadunidenses e indígenas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos diversos povos que sofrem da violência disseminada pelos escalpeladores de Glanton foram os Tiguas, descritos pelo narrador como um povo pacífico. A resistência dos poucos homens, jovens e velhos, é fútil contra o ataque dos caçadores e os nativos da aldeia acabam sendo assassinados, suas casas queimadas e seus escalpos retirados para serem trocados por dinheiro conforme acordo tratado entre Glanton e o governador de Cenoura.

A semelhança desta passagem da obra com o massacre de Sand Creek cometido pelo governo americano contra a aldeia Cheyenne chefiada por Chaleira Preta, é clara. Nesta ocasião, membros tanto da tribo Cheyenne quanto da tribo Arapaho são atacados e massacrados em seu acampamento pelo destacamento do exército estadunidense liderado pelo Coronel Chivington. Em suas próprias palavras, o Coronel afirmou “Vim para matar índios e acho que é certo e honroso usar qualquer meio sob o céu do Senhor para matar índios” (Brown, 2025, pg.103). Falas como esta demonstram que, para Chivington e para o exército americano, ideias de coexistência pacífica nunca foram alternativas reais, assim como para Glanton, já que mesmo os Tiguas que “não fizeram mal a ninguém” (McCarthy, 2020. p.177) se tornaram alvo de seu ataque genocida.

Retornando à obra, na noite após o ataque contra os Tiguas, um grupo de mulheres que estava fora da aldeia secando peixes retorna e vendo seu povo em ruínas chora e vaga em meio às casas em cinzas. Uma mulher porém, “ajoelhou junto às pedras enegrecidas diante da sua porta e enfiou alguns galhos entre os

carvões e soprou até reavivar as chamas no meio das cinzas e começou a endireitar os potes tombados" (McCarthy, 2020. p.179), esse ato simbólico remete ao que ativista Dakota, Vine Deloria Jr. (2017) explica ao dizer que povos nativos sabem que as pessoas morrem, eles aceitam a morte como um fato que faz parte da vida e ao invés de construir uma série de silogismos lógicos para descartar o luto por meio do raciocínio, constroem cerimônias para que o luto seja propriamente expressado.

A fogueira e o levantar dos potes, são maneiras não só de continuar com a vida após o massacre, mas também de certa forma são formas de lidar com o luto dos que foram assassinados.

Curiosamente, este ato é realizado por uma mulher, que, segundo Bonnici (2009), é colonizada não apenas por sua condição de indígena, mas também por sua condição de mulher, ou seja, é duplamente colonizada e marginalizada em uma sociedade colonial majoritariamente branca. A agência desta mulher indígena quebra com os paradigmas masculinos estabelecidos no cânone literário de mulheres submetidas ao serviço do homem, ao.silêncio, à dupla escravidão, ou à prostituição, além de subverter a agência masculina que predomina durante a trama do romance de McCarthy.

CONCLUSÕES

Concluímos, por meio desta análise que o povo Tigua é representado neste excerto como apenas outro alvo do genocídio executado pelos escalpeladores de Glanton, com mínima resistência violenta contra o ataque estadunidense.

Ao traçar comparações com a historiografia que Brown (2025) nos proporciona, vemos tanto como o massacre Tigua se assemelha ao ocorrido em Sand Creek, quanto a semelhança entre as visões de mundo de ambos Glanton e Chivington, sendo possível atribuir esse sentimento de superioridade como razão da expansão territorial estadunidense para territórios indígenas.

Vemos como a figura duplamente colonizada da mulher indígena, que em tese seria apenas objeto nesta interação, toma a frente nas ações após o massacre. Desta forma subvertendo não apenas o ênfase masculino da obra, mas também a hierarquia social que a mantém estanque em comparação com seu colonizador.

Esperamos que derivado deste recorte, e também da pesquisa como um todo, sejam realizadas mais discussões sobre o espaço e a representação do indígena, em específico da mulher indígena, em outras obras que se situam dentro do oeste americano.

REFERÊNCIAS

BONNICI, T. Teoria e Críticas Pós-Colonialistas. In: BONNICI, T. ZOLIN, L. O. **Teoria Literária:** abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 257-284.

BROWN, D. A. **Enterrem meu coração na curva do rio.** Tradução de Geraldo Galvão Ferra e Lola Xavier. Porto Alegre: L&PM, 2025.

DELORIA JR. V. **Custer Died for Your Sins.** 1 ed. Nova Iorque: Simon & Schuster, Inc, 2017.

MARTINS, C. DE MIRANDA, D. de C. B. Erotização e Sexualização do Corpo: representações sociais da mulher brasileira In: **Revista Científica Gênero na Amazônia**. Belém: Periódicos UFPA, 2020. p. 131-145.

MCCARTHY, C. **Meridiano de Sangue ou O Rubor Crepuscular no Oeste**. 2 ed. Tradução Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020.